



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO**

**A DIVERSIDADE EM FOTOVÍDEO: A representatividade de corpos femininos presentes  
nos estilos de dança em Campo Grande**

LARISSA ADAMI DA SILVA

Campo Grande  
NOVEMBRO/2023

**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**A DIVERSIDADE EM FOTOVÍDEO: A representatividade de corpos femininos  
presentes nos estilos de dança em Campo Grande**

**LARISSA ADAMI DA SILVA**

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Silvio da Costa Pereira

**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário  
79070-900 - Campo Grande (MS)  
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>  
<http://www.jornalismo.ufms.br> / [jorn.faalc@ufms.br](mailto:jorn.faalc@ufms.br)



**ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Título do Trabalho:** A diversidade em fotovídeo: a representatividade de corpos femininos presentes nos estilos de dança em Campo Grande

**Acadêmicos:** Larissa Adami da Silva

**Orientador:** Silvio da Costa Pereira

**Data:** 24/11/2023

**Banca examinadora:**

1. Silvio da Costa Pereira
2. Felipe Corrêa Bomfim
3. Marcos Ermínio Dias Cáceres

**Avaliação:** ( x ) Aprovado ( ) Reprovado

**Parecer:** A banca concluiu pela Aprovação do trabalho, sem necessidade de correções.

Campo Grande, 24 de novembro de 2023.

NOTA  
MÁXIMA  
NO MEC

UFMS  
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Silvio da Costa Pereira, Professor do Magisterio Superior**, em 27/11/2023, às 09:32, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufms.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4479033** e o código CRC **C9D0063B**.

**COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)**

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS



## AGRADECIMENTOS

Eu seria muito insensível se chegasse até aqui e não agradecesse às muitas pessoas que me ajudaram a encerrar esse ciclo.

Minha família sempre foi e será meu alicerce mais precioso. Pela glória divina continuamos firmes e fortes, obrigada por me amarem incondicionalmente. Ah, e obrigada por me ensinar a dançar, mamãe.

Às amigas que fiz durante o curso, vocês me mostraram o que é ser resiliente, em especial, minha melhor amiga Victória de Oliveira, que me ensinou que esforço, humildade e parceria são os ingredientes do sucesso.

Não posso esquecer de mencionar também os amigos de longa data, de quando o Jornalismo ainda era apenas um sonho: Isabelle Bená e Juliano Braz, por me acolherem e acompanharem meu amadurecimento com carinho.

Às bailarinas fortes e empoderadas que aceitaram serem retratadas no meu fotovídeo, a luz que vem de vocês é enriquecedora, obrigada por existirem e lutarem.

Ao homem mais apaixonante do mundo, meu namorado Fabiano Ribeiro, agradeço com toda a minha alma por me encontrar no meio do caminho, e mostrar que a vida pode ser leve e feliz.

Silvio da Costa Pereira, o cargo como meu professor favorito é vitalício. Obrigada por me orientar com paciência, dedicação e alegria. Você é inspiração.



## SUMÁRIO

Resumo	6
Introdução	7
1. Atividades desenvolvidas	9
1.1 Execução	9
1.2 Dificuldades encontradas	15
1.3 Objetivos alcançados	16
2. Suportes teóricos adotados	18
Considerações finais	27
Referências	29
Apêndice	31



**RESUMO:**

“A diversidade em fotovídeo” é uma narrativa que apresenta, por meio de fotografias e entrevistas gravadas em áudio, o perfil de seis bailarinas profissionais, ligadas a cinco estilos de dança diferentes. O intuito deste projeto é evidenciar a diversidade corporal das personagens dentro dos ambientes de dança de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Os principais objetivos do produto consistiram em estabelecer uma narrativa audiovisual que abordasse as peculiaridades dos corpos plurais selecionados, os preconceitos enfrentados pelas bailarinas e construção do autoconhecimento e confiança por meio da dança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotovídeo/Fotografia/Dança/Corpo/Diversidade Corporal



## INTRODUÇÃO

O surgimento de movimentos corporais que possam ser caracterizados como manifestação criativa, cultural e social remonta os primórdios da humanidade, quando as comunidades primitivas sentiam a necessidade em contatar seus deuses por meio da chamada 'dança ritual'. Para além da relação de fé e temor com as divindades, o processo da dança surgiu como instrumento de expressão mental e emocional (LEITÃO; SOUZA, 1995).

A prática se fez inerente na sociedade, ganhando diversas ramificações de estilos e, junto deles, delimitações a respeito de que tipo de pessoas poderiam praticar o ato de movimentar-se dentro de cada variação, como dança folclórica, dança clássica, dança contemporânea, dança de salão, dança criativa, samba, hip-hop, entre outros. Por se tratar de uma atividade física, esta foi atrelada ao desempenho corporal e, conseqüentemente, a determinados padrões.

Na dança clássica, com foco no ballet - um dos estilos a ganhar legitimidade no século XIX - o padrão físico observado entre as (os) dançarinas (os) é magro, longilíneo, esguio e sem curvas (SANTOS, 2009). Isso porque, desde seu nascimento na França, durante o Renascimento, a modalidade estabeleceu regras rígidas aos seus praticantes, com uma estética que instituiu maior ênfase em questões ligadas ao equilíbrio, força, leveza e postura, condições ligadas a corpos atléticos e com baixa massa corporal (ANJOS; OLIVEIRA; VELARDI, 2015). Nesse sentido, o arquétipo da magreza foi normalizado nas companhias de dança, influenciando na determinação da altura, peso, formas, pele e até cabelos dos indivíduos que queiram dançar. Bailarinas (os) no geral são alvo dessa cobrança, sendo o público feminino mais exigido devido ao patriarcado, um sistema social que exalta e beneficia apenas os homens, promovendo costumes e tradições que regulam a liberdade de conduta das mulheres ao longo das eras.

No Brasil, ainda que haja essa padronização, uma vez que importa-se os conceitos europeus de estética e beleza corporal, muitas das danças atuais flexibilizaram e incentivaram a participação de diferentes tipos de corpos em seus coletivos.



Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho foi apurar a existência de diferentes corpos femininos dentro dos diversos coletivos de dança em Campo Grande. O recorte para a capital ocorreu pela incipiência de estudos voltados para debater as riquezas singulares das silhuetas femininas na região. Assim, este produto é de suma importância por expor a pluralidade crua dessas mulheres dentro da dança, a fim de abrir um espaço para o debate e a problematização das dificuldades enfrentadas por elas.

Através de uma narrativa audiovisual por meio de fotovídeo, apresento o perfil de seis bailarinas, valendo de fotografias e entrevistas em áudio. A edição do fotovídeo busca evidenciar como a prática da dança funciona como instrumento de autoconhecimento e obtenção de confiança frente aos preconceitos corporais e machistas. A cobertura fotográfica procura demonstrar como essas mulheres se estabelecem nesses ambientes e reivindicam o direito de serem quem são, mostrando que não há nada errado com seus corpos em relação à estética e padrão idealizados.

Tradicionalmente, o termo mais aplicado a este tipo de produto é 'fotofilme'. No entanto, tal conceito está relacionado às produções analógicas, baseadas nos filmes fotográficos. O que não é o caso do presente projeto, que trabalha com imagem fotográfica de base eletrônica e digital para gerar um arquivo de vídeo. Por isso preferi adotar o conceito de fotovídeo, mesmo sendo ele pouco usual na literatura, inclusive na que utilizamos como referencial.



## 1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- I. Pesquisa sobre as grupos de dança presentes em Campo Grande e sobre referências de corpos fora do padrão magro na dança;
- II. Visita aos espetáculos de dança na cidade para estabelecer contatos;
- III. Envio da proposta do TCC para grupos universitários no Instagram a fim de elencar possíveis fontes;
- IV. Contato e agendamento com as bailarinas que se interessaram em participar do fotovídeo;
- V. Elaboração de roteiro de perguntas (apêndice);
- VI. Captação de fotografias das bailarinas nos locais onde se apresentavam e/ou ensaiavam;
- VII. Entrevistas presenciais - gravadas em áudio- com as fontes selecionadas;
- VIII. Seleção e tratamento das fotos;
- IX. Edição dos áudios das entrevistas;
- X. Montagem do fotovídeo;
- XI. Produção do relatório;
- XII. Envio do fotovídeo e do relatório completo ao orientador para revisão;
- XIII. Correções do feedback do orientador sobre o fotovídeo.

### 1.1 Execução:

A elaboração do produto 'A diversidade em fotovídeo' se iniciou no segundo semestre de 2023, mais especificamente em julho, quando entrei em contato com colegas que dançam em eventos para que pudessem me auxiliar na indicação de bailarinas fora do padrão magro disseminado pelo ballet clássico. Paralelo a isso, realizei buscas no Instagram sobre espaços culturais de Campo Grande onde pudesse mapear espetáculos de dança, como o Sesc Cultura. Destaco que todas as ações tomadas foram debatidas e ajustadas com meu orientador Silvio da Costa Pereira.



Quadro 1 - Datas e locais das captações de imagem e som.

<b>Bailarinas</b>	<b>Visita de prospecção</b>	<b>Sessão de fotografia</b>	<b>Entrevista</b>
Ana Lúcia Serpa (Dança do Ventre)	27/07 - Sesc Cultura	03/10 - Studio Nidal Abdul 31/10 - Studio Nidal Abdul	18/10
Priscila Roberta Alves Lemos (Dança Contemporânea)	27/09 - Academia Escola	27/09 - Academia Escola 17/10 - Academia Escola 07/11 - Academia Escola	04/10
Maria Laura Gomes Batista Mayene Amaral Arcuri (Ballet Clássico)	Não houve	20/10 - Sala de dança do curso de Educação Física da UFMS, Unidade 8	29/07
Ariane Nogueira (Danças Urbanas)	05/10 - Sesc Cultura	05/10 - Sesc Cultura 27/10 - Ponto Bar 28/10 - Ponto Bar	19/10
Chirlene Mota da Silva (Dança de Salão)	Não houve	01/11 - Teatro Glauce Rocha	26/10

Fonte: Larissa Adami da Silva.

O primeiro espetáculo que acompanhei foi em 27 de julho, do grupo 'Dança do Ventre Sem Limites', composto por bailarinas com algum grau de deficiência física. Estabeleci uma abordagem para este e os próximos coletivos que consistia em chegar no local com uma hora de antecedência para conversar com as dançarinas, apresentar minha proposta de projeto, levantar informações sobre elas e a companhia em que estão inseridas e pedir indicações de outras bailarinas e grupos de dança que pudessem auxiliar no elenco de fontes. A partir desse encontro consegui a primeira personagem para o fotovídeo, a bailarina Ana Lúcia Serpa.

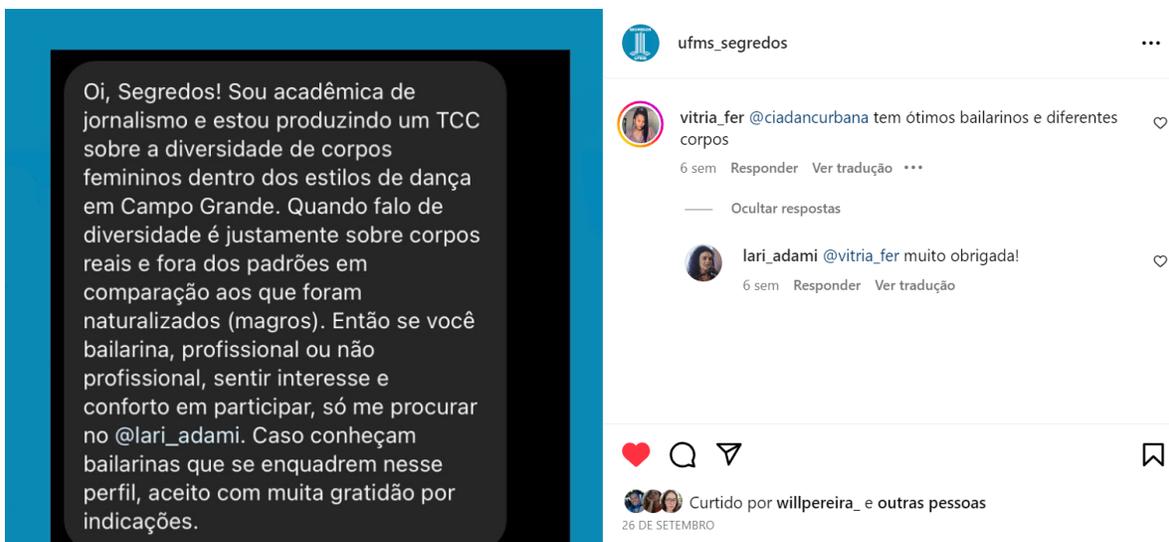
Dois meses depois, em 27 de setembro, estive presente na apresentação do grupo 'Sinapse Cia de Dança Contemporânea' da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Um dos meus amigos bailarinos, Diego Paulino Paiva, faz parte da companhia e mencionou que haveria um Workshop para a comunidade acadêmica e externa, na Academia Escola, onde todos os ensaios acontecem. Foi neste evento em



que conheci a personagem Priscila Roberta Alves Lemos e comecei a fotografá-la para testar ângulos e configurações técnicas da câmera para as próximas sessões de fotografia. Após esses contatos iniciais, marcamos datas para a gravação da entrevista e para a captação de fotografias de ensaio/apresentações.

Desde o início do processo encontrei dificuldades - que serão melhor detalhadas no próximo tópico - em encontrar bailarinas de diferentes estilos de dança que estivessem fora do padrão magro e com poucas curvas. Por isso, no dia 26 de setembro encaminhei uma mensagem para o perfil do Instagram '@ufms\_segredos', que tem grande alcance dentro da comunidade universitária, apresentando minha proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e convidando as jovens que se identificassem com esses corpos plurais a fazerem contato comigo. Dentre as garotas que entraram em contato comigo, estavam Maria Laura Gomes Batista e Mayene Amaral Arcuri, artistas do ballet clássico por meio do 'Projeto Viver Bem'. Ambas participaram da entrevista juntas, em um espaço reservado na Biblioteca Central da UFMS, em 29 de setembro, mesmo local onde a entrevista de Priscila, da Sinapse, foi feita, em 4 de outubro.

Figura 1 - Mensagem enviada ao Instagram para conhecer mais bailarinas.



Fonte: Instagram.



A partir dessa publicação no Instagram recebi mensagens e comentários no próprio post que me sugeriram a busca de uma personagem dentro do grupo 'Cia Dançurbana'. Assim, busquei o perfil da companhia no Instagram e a artista Ariane Nogueira me chamou a atenção. Entrei em contato com a mesma e solicitei um dia para acompanhá-la em um dos ensaios. Ela me disse que sua equipe se apresentaria no Sesc Cultura no dia 5 de outubro. Compareci ao espetáculo e fiz algumas fotografias. Em todas as sessões fotográficas, tive o cuidado de não ficar próxima demais do espaço onde as bailarinas se locomoviam para não distraí-las, atrapalhar seus movimentos ou dificultar a visão do público presente.

Ainda no início de outubro, também priorizei a realização das entrevistas em áudio que, na minha opinião, seriam mais trabalhosas para edição, e combinei os dias propícios para mim e para as bailarinas de quem eu ainda não havia colhido depoimento. Conversei então com Ana Lúcia Serpa em sua residência e com Ariane Nogueira, dentro do carro dela, no estacionamento da academia que ela frequentava. A escolha dos locais buscou priorizar espaços com pouco ruído, de modo a obter o melhor áudio possível com o equipamento que utilizava.

Com quatro entrevistas gravadas, segui para fotografar as dançarinas de quem ainda não tinha imagens: a de dança do ventre e as do ballet clássico. Após isso, mesmo que as quatro modalidades tivessem registros, precisei fotografar novamente algumas delas pois não me senti segura com as imagens, por ter tido problemas técnicos com a câmera.

O projeto estava previsto para abordar entre cinco e sete bailarinas, cada uma representando um estilo de dança. Ainda que tenha selecionado o número mínimo estipulado, senti a necessidade em procurar mais uma artista. Por meio da indicação de Priscila Roberta Alves Lemos, encontrei no Instagram o perfil de Chirlene Mota da Silva, bailarina de dança de salão pela Luminis Cia de Dança. A entrevista com Chirlene aconteceu em sua residência, no dia 26 de outubro e o ensaio fotográfico ocorreu em 1º de novembro, durante um espetáculo no Teatro Glauce Rocha. As captações fotográficas com a dançarina de dança de salão e as de balé foram realizadas somente uma vez, não havendo a necessidade em realizar mais imagens.



No decorrer do fotovídeo é possível perceber que as fotografias se diferenciam em relação aos momentos em que foram captadas: ensaio e espetáculos. Isso se deu porque alguns grupos não tinham espetáculos de dança agendados dentro do período para entrega do TCC, por isso foi necessário fotografar as bailarinas apenas no momento em que ensaiavam. Todas as fotografias foram feitas com uma câmera Canon EOS 70D, com a lente EF-S 18-135mm f/3.5-5.6, que atendeu bem às minhas necessidades e foi programada para salvar as imagens nos formatos JPG e RAW. As entrevistas foram feitas pelo gravador de voz do celular Samsung S21.

Antes da finalização de todas as captações fotográficas, eu já havia selecionado e tratado algumas das principais fotos pelo programa *Adobe Lightroom*. No entanto, a edição massiva das fotografias e das entrevistas gravadas - consistindo em corte de áudio, elaboração da narrativa e limpeza de ruídos pelo *software Audacity* - ocorreram entre 29 de outubro e 3 de novembro.

Com áudio e fotos tratadas, iniciei o processo de edição do fotovídeo pela *plataforma Capcut*, na versão web. Diferentemente do proposto no pré-projeto, ao invés de utilizar alguns takes de vídeos das entrevistas/ensaios/espetáculos ou os recursos de zoom e pan nas fotos, decidi trabalhar apenas com imagens estáticas como recurso visual, deixando em evidência determinadas partes corporais das bailarinas quando achava pertinente para dinamizar a narrativa audiovisual.

Como o tempo das entrevistas ultrapassou 25 minutos para cada modalidade de dança, precisei delimitar a duração para, no máximo, cinco minutos por personagem, com exceção das artistas de ballet clássico, uma vez que foram duas fontes. A delimitação de tempo foi pensada para respeitar o tempo médio previsto para a submissão em festivais e, ao mesmo tempo, apresentar os objetivos definidos no projeto que serão explicitados no item 1.3. A ordem das bailarinas apresentadas no fotovídeo inicia pela modalidade de dança mais tradicional e segue para as mais diversificadas. Em determinados trechos do produto, adotei recursos bastante usados no telejornalismo: imagens que correspondem ao que a fonte menciona em áudio.



Quadro 2 - Material captado.

Bailarinas	Quantidade de fotos	Duração da gravação
Maria Laura Gomes Batista Mayene Amaral Arcuri (Ballet Clássico)	161	57:33
Priscila Roberta Alves Lemos (Dança Contemporânea)	349	33:16
Chirlene Mota da Silva (Dança de Salão)	436	27:41
Ariane Nogueira (Danças Urbanas)	367	29:53
Ana Lúcia Serpa (Dança do Ventre)	612	27:01
<b>Fotovídeo finalizado</b>	<b>119</b>	<b>23:00</b>

Fonte: Larissa Adami da Silva.

A tipografia utilizada nos quadros de texto é a 'Ator', remetendo à fluidez e flexibilidade, característica dos corpos representados no fotovídeo. Em relação à paleta de cores, defini o contraste de fundo preto com letras brancas para títulos e nomes, onde busquei um maior destaque, e cinzas para criar contraste e determinar os elementos secundários. Como quis que as fotografias fossem o principal foco de atração do produto, decidi que as cores deveriam ser usadas apenas nas imagens.

Figura 2 - Exemplo da aplicação da tipografia e paleta de cores no fotovídeo.



Fonte: Larissa Adami da Silva.



No dia 11 de novembro iniciei a escrita do Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) TCC. Comecei desenvolvendo o item 1, sobre atividades desenvolvidas, por achá-lo mais importante no momento; depois segui para detalhes referentes ao resumo e introdução. Ao finalizar esta parte, encaminhei para meu orientador para uma primeira revisão enquanto iniciava as ponderações sobre suporte teórico que já estava um pouco encaminhado desde o projeto, considerações finais e referências. Quando ele me retornou, corriji suas ponderações, finalizei todas as informações restantes e enviei o relatório completo para uma segunda revisão.

## **1.2 Dificuldades Encontradas**

Minha primeira dificuldade foi mapear bailarinas com corpos plurais e fora do padrão magro dentro dos estilos de dança de Campo Grande. Houveram poucas indicações iniciais por parte dos colegas dançarinos que eu contatei, atrasando em um mês o seguimento do produto. O envio da mensagem ao perfil do Instagram '@ufms\_segredos' auxiliou essa busca.

Questões pessoais também atravessaram esse TCC. Desde de julho, meu núcleo familiar passou por problemas ligados à saúde do meu pai, que foi diagnosticado com um tumor entre o diafragma e o rim e internado para cirurgias, onde precisou do meu apoio na reabilitação. Também precisei apoiar minha mãe, irmão e avós presencialmente devido à fragilidade do meu pai. Destaco que minha família não mora em Campo Grande, mas sim no interior de São Paulo, na cidade de Jales. Então, além de não conseguir estar disponível mentalmente por conta da preocupação, também precisei me ausentar vários dias para prestar suporte a eles, fazendo com que o planejamento ficasse atrasado. Felizmente, meu pai está curado e pude retomar o prosseguimento das ações. Saliento tal questão pois o TCC requer empenho, disciplina e concentração e nesse sentido, enfrentar situações de alta tensão coloca em risco o desenvolvimento do projeto. Para os acadêmicos(as) que possam vir a utilizar meu relatório para embasamento, sugiro que programem-se com antecedência para poder absorver os problemas que podem surgir no caminho.



Também tive problemas no processo da captação de fotografias. A lente da minha câmera pessoal, uma Nikon D3100, não foi adequada para esse trabalho devido aos ambientes escuros nos quais eu precisava fotografar as bailarinas. Também ocorreram erros no cartão de memória, que fizeram com que eu perdesse algumas fotos capturadas. Fiz alguns testes com um dos equipamentos do curso de Jornalismo, uma Nikon D7000, mas não consegui me adaptar a ela e as imagens registradas não saíram com a técnica almejada. Por fim, recorri à câmera que pertence ao meu estágio, uma Canon EOS 70D.

O trabalho demandado em meu estágio também contribuiu para o atraso das etapas de construção do fotovídeo, uma vez que minha carga horária, em muitos momentos, ultrapassou as seis horas diárias, me restando por vezes apenas o período noturno e os finais de semana para realizar algumas atividades ligadas ao TCC.

Eu não me programei no início do semestre da forma como deveria. Um exemplo disso foi escolher o programa de edição *Capcut* ao invés do *Adobe Premiere* nesta reta final. O combinado com meu orientador, Silvio da Costa Pereira, era para que eu estudasse o processo de montagem por meio do *Premiere*, ação que não realizei em tempo hábil. Assim, optei pelo *Capcut* como recurso de emergência e por ter mais domínio sobre sua interface, perdendo a oportunidade de construir meu produto com uma qualidade mais refinada.

### **1.3 Objetivos Alcançados**

O objetivo geral do projeto era “produzir uma narrativa audiovisual em formato de fotovídeo para apresentar os diferentes tipos de corpos femininos dentro dos diversos estilos de danças em Campo Grande”. A ideia em apresentar as mais diversas silhuetas, desde grande discrepância em altura, até contornos corporais, pesos e deficiência. Ao finalizar o produto, é possível perceber que a meta foi alcançada, mesmo que de forma incompleta, devido às dificuldades em encontrar corpos diversificados em altura, por exemplo. Ainda sim, o produto atende à motivação inicial.

Em relação aos objetivos específicos, o primeiro deles foi “criar uma narrativa visual com fotos que exponham as experiências de bailarinas em Campo Grande”. Por



ter captado imagens dos espetáculos e/ou ensaios em que essas mulheres tenham desempenhado a dança, acredito que este propósito também tenha sido concluído.

Através do áudio pude “entrevistar bailarinas profissionais e não-profissionais sobre preconceitos corporais que as praticantes de dança enfrentam”, outro objetivo específico que também foi realizado. Todas elas relatam ter sofrido algum tipo de violência psicológica e/ou emocional em relação aos seus corpos. A única ressalva deste objetivo é que todas as mulheres entrevistadas são bailarinas profissionais.

As fotos capturadas também conseguem “evidenciar a particularidade de cada corpo”, justamente por apresentarem características visuais diferentes umas das outras, além de algumas imagens destacarem determinadas regiões corporais.

Por fim, todas as personagens atestaram a importância da dança como fator de empoderamento. Assim, entendemos que as entrevistas de caráter narrativo permitiram que as fontes pudessem “apresentar o processo de construção do autoconhecimento e confiança por meio da dança”, nosso último objetivo específico.



## 2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

### 2.1 Corpo, dança e diversidade

Como apontado por Dórea (2021), o corpo humano possui um conjunto de particularidades ímpares e biológicas que permitem nossa evolução em sociedade por meio da capacidade de realizar atividades que requerem ações coordenadas, racionalização, reflexão e expressão de tudo o que sentimos necessidade de comunicar, como pensamentos e emoções. É em função desse desejo de exprimir nossos sentimentos que utilizamos diversas linguagens de comunicação, como é o caso da dança.

Por isso e muito mais, o corpo é um veículo de representatividade interior e exterior, cercado de repertórios rítmicos do cotidiano ou, em termos artísticos, criados a partir de uma subjetividade. Na criação cênica em dança, abrangem-se possibilidades de construção e reconstrução a partir de estudos corpóreos já propostos anteriormente, ou não. Físico e psíquico interligam-se quando o corpo se coloca como intérprete durante a dança, induzindo sensações e sentimentos, que podem acontecer sob um código ou um elemento referencial (DÓREA, 2021, n.p.).

Posto que o corpo é o principal meio de comunicação na dança, é necessário considerar todos os tipos de corpos presentes na sociedade, uma vez que todo indivíduo possui traços genéticos que o tornam único e configuram sua constituição corporal, seja alto, baixo, gordo, magro, flexível, rígido, ágil, entre outros.

Também a dança é múltipla. São mais de 200 estilos<sup>1</sup> que vão dos ritmos primitivos até o contemporâneo, desenvolvidos a partir da urgência do homem em estabelecer um canal de diálogo com a comunidade em que se está inserido. Nesse sentido, o ato de dançar parte da construção dessa atividade ao longo dos anos, e demonstra a história e a carga cultural dos povos que a desempenham.

Portanto, corpo e dança relacionam-se como meio para compreender a si mesmo enquanto estrutura física e mental que ocupa espaços e se reconhece como ser vivo. Isso justifica a participação de quaisquer pessoas na prática, independente dos tipos de corpos, suas limitações e capacidades.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://artcetera.art/danca/tipos-de-danca/>



## 2.2 Padrões de beleza e autoestima

Por se tratar de um ato social, a dança é construída com base em padrões e comportamentos estabelecidos por comunidades e épocas específicas. Apesar do multiculturalismo de ritmos, a Indústria Cultural, explicada por Adorno e Horkheimer (2002), tem por função padronizar atividades e gostos, criando modelos de mercantilização e interesses que levem a uma maior adesão pública. Assim, “corpo e dança parecem reproduzir, constantemente, modelos midiáticos” (DÓREA, 2022, n.p.) que cultuam o corpo perfeito ao exibirem a magreza como meio de realização estética e pessoal.

Alguns contextos sociais implicam maior atenção às características corporais dos indivíduos, como o esporte, a mídia, a moda e, claro, a dança (CAMPOS; SANTOS, 2019). Conforme Farhat (2008), durante o Renascimento, o corpo ideal era aquele que possuía mais volume, significando um maior status social e riqueza. A influência do ballet de corte passou a alterar essa realidade, pelo menos no que dizia respeito às bailarinas. Bourcier (2001) indica que a modalidade começou a ser vista na Itália, se espalhando gradativamente para a França, onde a prática ganha o reconhecimento profissional e depois se estende para a Rússia, quando esta se valeu da união das técnicas italianas e francesas.

Bourcier (2001) explica que a partir da segunda metade do século XIX, o rigor exigido pelo ballet perde espaço para movimentos mais livres e fluídos. Um destaque para esse novo diferencial é a bailarina e coreógrafa estadunidense Isadora Duncan, responsável pela execução de técnicas que exaltavam a mobilidade natural do corpo, em detrimento da rigidez do ballet clássico, configurando-se como o início da Dança Moderna. Na década de 50, com a influência de estudos relacionados às possibilidades motoras, outra bailarina e coreógrafa norte-americana, Martha Graham, também transformou a percepção da Dança Clássica por meio dos sentimentos evocados ao dançar, fazendo com que os movimentos desenvolvidos fossem mais livres. Tais experimentações desencadearam o nascimento da Dança Contemporânea em 1960, uma estrutura extremamente flexível que se preocupava em apresentar conceitos, sentimentos e ideias que permeavam a época por meio da dança, quebrando o estigma



de técnica do ballet e sua falta em expressar uma significação humana. Tal flexibilidade permitiu a criação de novos estilos de dança espalhados pelo mundo, a fim de projetarem modalidades artísticas que estivessem em equilíbrio com a modernização dos meios de comunicação e grande contingente populacional e cultural, como o caso da dança de salão, samba, danças urbanas, entre outros estilos.

Vale destacar que mesmo com uma maior versatilidade sobre movimentos e expressividade ao longo dos anos, as exigências corporais estipuladas desde o ballet avançaram gerações e ainda mantêm influência nas modalidades de dança atuais, mantendo a predileção por silhuetas magras, de cor branca, no modelo europeu (MOURA, 2001).

Nesse ínterim, a relação com o corpo é determinante para que a bailarina tenha ou não sucesso na carreira que deseja seguir, e não apenas isso, mas também será determinante na forma como ela enxerga seu próprio corpo. Considerando que essa identificação, a partir do referencial psicanalítico, se dá pelo Outro, que esse Outro está sempre exigindo um corpo feminino ideal, e que no meio do balé clássico isso fica ainda mais evidente, acaba parecendo “natural” que a bailarina esteja, na maioria das vezes, descontente com o corpo que possui. (CAMPOS; SANTOS, 2019, p. 220)

A pressão social para a obtenção de um corpo utópico em peso, altura e formas visto dentro do ballet também é incorporada em outros estilos de dança, bem como no cotidiano das mulheres brasileiras, o que sugere que “tornar-se um saco de ossos parece o ideal da mulher contemporânea” (DEL PRIORE, 2000. p. 90)

Mulheres jovens, esbeltas, de barriga ‘chapada’ e atléticas são exibidas nos diversos meios de comunicação e possuem sua estética comprada por grande parte da população feminina. As celebridades e personalidades que estampam novelas, campanhas e redes sociais são construídas e ao mesmo tempo reforçam uma beleza pré-moldada em conceitos eurocêntricos, tanto pela silhueta esguia e delgada, quanto por traços finos e pele clara.

Tal estereotipização atinge fortemente o público feminino uma vez que o mesmo é vítima histórica das imposições patriarcais e machistas que limitam as mulheres a um papel de subserviência e insegurança. De acordo com Mota (2021, p. 14):



Apesar das exigências do padrão magro da sociedade serem depositadas em ambos os sexos, são as mulheres que recebem mais cobrança e que essa busca incessante de estar no padrão considerado ideal, na maioria das vezes ocasiona um impacto negativo àquelas que não alcançam o tão sonhado “corpo perfeito”, ocasionando baixa autoestima, depressão e sofrimento.

A mídia e o machismo andam lado a lado. Sua caracterização consiste em vender uma ‘solução’ estética que busca manter um ciclo de doutrinação que lhes convém. Ainda hoje, exposições populares como ‘Faustão na Band’ e ‘Programa Silvio Santos’ apresentam essa padronização corporal por meio de dançarinas ‘saradas’ e, majoritariamente, brancas. Essa predominância de formas esguias e delineadas segue o pensamento ocidental de alta performance da antiga beleza grega, que evidenciava corpos atléticos para a participação dos eventos esportivos e físicos e, por isso “quem fugir desse padrão automaticamente estará excluído da ‘elite’ da dança” (ALVES, 2011, p. 13).

Internalizar conteúdos que invisibilizam corpos reais, com tamanhos e traços naturais, e endeusam perfis inalcançáveis à grande maioria, faz com que mulheres tenham sua autoestima fragilizada novamente.

As pessoas aprendem a avaliar seus corpos através da interação com o ambiente, assim sua auto-imagem é desenvolvida e reavaliada continuamente durante a vida inteira (Becker, 1999), mas as necessidades de ordem social ofuscam as necessidades individuais. Somos pressionados em numerosas circunstâncias a concretizar, em nosso corpo, o corpo ideal de nossa cultura (Tavares, 2003). (RUSSO, 2005, p.81)

Dessa forma, para além dos desafios enfrentados cotidianamente pelo simples fato de ser mulher, elas também sofrem dentro da dança, o que é extremamente preocupante uma vez que a prática deverá auxiliar no desenvolvimento assertivo da autoestima. Viana (2022) explica que tomar conhecimento do seu corpo e das atividades que ele pode praticar faz com que as mulheres olhem para si com uma percepção mais consciente de sua importância e relevância em quaisquer espaços, possibilitando o fortalecimento do empoderamento feminino.

[...] Não é apenas o sexo que diferencia mulheres e homens, mas também aspectos culturais, sociais e históricos que os cercam, há a desestabilização de



um determinismo biológico que cita que mulheres e homens constroem-se femininos e masculinos pelas diferenças corporais, as quais determinam e justificam desigualdades, funções sociais e papéis a serem desempenhados por cada sexo. Esses estereótipos são ditados a partir de regras e padrões que a sociedade estabelece, na qual as pessoas aprendem a serem mulheres e homens, adaptando seu comportamento de acordo com esses papéis (ASSIS, 2012, p. 40).

Historicamente foi incubido às mulheres uma série de comportamentos para legitimar uma identidade feminina. Essa identidade foi imposta pelo patriarcado implica que nós devemos prestar um papel dócil e de servidão à sociedade. Portanto, quaisquer atos de enfrentamento a isto e que nos devolvam independência emocional podem ser vistos de forma negativa (NUNES, 2020). Aqui ressalta-se o poder da dança para quebrar tais estigmas e oferecer a elas meios de expressar suas representatividades e pluralidades.

A exemplo da importância estabelecida em dançar, uma das entrevistadas de Nunes (2020), expõe que a prática reflete diretamente na sua compreensão como mulher e autoconhecimento:

Você começa a ver seu corpo de uma outra maneira, sua relação com o seu corpo muda muito [...] É muito engraçado que eu tenho problema de autoestima, só que dentro da sala, dentro da dança eu me sinto poderosíssima, eu posso estar do jeito que for, eu encarno nessa personagem muito forte, parece que quando eu tô no pole dance eu não tenho problema de autoestima, eu tenho o resto do dia inteiro, nunca me sinto suficiente em diversos aspectos, mas quando eu danço eu sou tão dona de mim. [...] A dança é muito a terapia da minha alma, eu me sinto muito livre. (NUNES, 2020, p. 36)

Esse mesmo pensamento é corroborado pelas bailarinas entrevistadas para este produto. A exemplo da afirmação, destaco a fala de Ariane Nogueira, artista de danças urbanas, que ressalta ao longo do fotovídeo como sua confiança é elevada ao iniciar qualquer tipo de espetáculo: “Quando eu estou no palco, quando estou trabalhando, eu me sinto outra pessoa. Então essa outra pessoa é muito empoderada”.

### **2.3 Fotovideo**

O fotovídeo, se caracteriza pela apresentação de imagens eletrônicas estáticas em formato de vídeo, recebendo o apoio de outros elementos como movimentos (zoom



e pan), legendas, áudios e takes de vídeos para construir a narrativa audiovisual que pretende-se criar. Bastos (2010) salienta que a fotografia não possui recursos suficientes para ressaltar determinadas informações, o que leva à possibilidade de composição através de outros recursos.

Tal formato, denominado de fotofilme, “são filmes feitos exclusivamente a partir de fotografias ou nos quais o fotográfico tem papel de destaque” (ELIAS, 2017, p. 14).

Neles:

Tanto a ordem como o tempo exato para olhar cada foto são impostos; e há um ganho em termos de legibilidade visual e impacto emocional. Mas fotos transcritas em um filme deixam de ser objetos colecionáveis, como ainda são quando oferecidas em livros. (SONTAG, 2006, p. 15 apud ELIAS, 2017, p.176)

Assim, um fotovídeo ou fotofilme é um produto que trabalha com a animação de fotografias quadro a quadro, sejam analógicas ou digitais. A diferença deste formato para o padrão cinematográfico é que este último se vale da apresentação rápida de imagens simulando movimento contínuo. Ademais, a forma em que as fotografias são aplicadas também geram diferentes sentidos de impacto pois, no cinema, o tempo de tela das cenas é volátil e acelerado, contribuindo para que o espectador seja absorvido pela trama devido a constância exibida, desenvolvendo a sensação de presente (ELIAS, 2009). Já no fotovídeo, a imagem fixa ganha uma temporalidade personalizada com base no que o(a) autor(a) quer transmitir ao público. Para Barthes (1984), a fotografia possui o caráter de atestar que o que está sendo representado ali existiu, configurando um fluxo temporal no passado; esta afirmação está alinhada à reflexão de Elias (2009. p. 73), quando o mesmo explica que a fotografia tem seu “instante petrificado, a morte eternizada, o passado, a ausência” em sua estrutura.

Elias (2009) também defende que há quatro estilos de temporalidades que se atravessam e estão presentes na construção desse formato. A primeira delas diz respeito ao intervalo de tempo entre as captações fotográficas, que podem ser realizadas separadas por segundos ou mesmo anos. No meu caso, por se tratar da cobertura fotográfica das bailarinas enquanto praticavam suas coreografias, cada instante importava. Assim, os ‘clicks’ realizados variaram entre frações de segundos e



minutos nos momentos de ensaio e/ou espetáculos, e dias nos hiatos de agendamento para fotografar cada uma das dançarinas. A segunda referência à temporalidade está atrelada ao tempo de exposição da lente da câmera, ou seja, o tempo em que o obturador fica aberto a fim de captar a luz necessária para que os objetos representados na imagem sejam visualizados. Como o intuito deste fotovídeo era ‘congelar’ o movimento dos corpos femininos para apresentar os detalhes corporais das personagens, o tempo de exposição que utilizei foi o menor possível, na tentativa de não gerar ruídos de ‘embaçamento’ e estremecimento. A terceira temporalidade mencionada por Elias (2009) relaciona-se à duração de tela das imagens dispostas no fotovídeo. O tempo de cada fotografia dentro deste fotovídeo transitou entre o necessário à representação dos fatos narrados e a apresentação de movimentos que mostrassem a diversidade corporal. O que nos condiciona à quarta temporalidade, o tempo diegético. Este último faz alusão à narrativa, percebida ou não, dentro do fotovídeo, correspondente à organização e cadenciamento das fotografias, junto do recurso auditivo, onde “uma série de imagens se perfilam, cuja exibição se dá na forma de um acúmulo que faz com que cada nova imagem se reporte e se realize frente às imagens anteriormente exibidas” (ELIAS, 2009, p. 74). Isso implica que:

O autor deve mergulhar nas imagens estáticas e dar a elas uma nova temporalidade, precisa trabalhar diretamente na estrutura fílmica, pois o desenrolar do tempo não é dado de maneira natural, deve ser recriado. (ELIAS, 2009, p. 73)

Ainda que o fotovídeo tenha origens no modelo cinematográfico, meu produto se aproxima do fotodocumentarismo, ou mesmo do fotojornalismo, práticas que assemelham-se por narrar histórias e fatos por meio de fotografias (SOUSA, 2004).

De acordo com Sousa (2004), o fotojornalismo não possui delimitações bem estipuladas, no entanto, há algumas diferenças específicas entre fotojornalismo e fotodocumentarismo. A primeira parte da captura de imagens de diversos tipos de acontecimentos sociais, culturais e políticos, muitas vezes não requer uma preparação aprofundada a respeito do assunto a ser registrado. O resultado obtido tem um caráter



mais espontâneo. O segundo trabalha em termos de projeto fotográfico, ou seja, um fotodocumentarista busca conhecer com mais afinco aquilo que pretende fotografar.

Em ambos aplicam-se técnicas de enquadramento às imagens capturadas, no intuito de evidenciar detalhes e formas corporais mais pertinentes. E mesmo que a imagem esteja em um plano mais amplo, existe a possibilidade de expandir determinado recorte, deixá-lo mais próximo das laterais esquerda ou direita, superior ou inferior (BASTOS, 2010). Sousa (2004) explica as configurações de alguns planos de imagem. O Plano Geral - ou Aberto - expressa uma ambientação maior, de onde a imagem foi capturada. Nele é possível visualizar não só o personagem, mas também detalhes e outros elementos que situam para o (a) observador (a) como é o espaço fotografado. O Plano de Conjunto diz respeito ao reconhecimento de ações e rostos presentes na imagem, caso estejam próximos da câmera, com um enquadramento mais fechado do que o plano aberto. Já o Plano Médio trabalha ainda mais com a proximidade e objetividade da visão do (a) espectador (a), facilitando a compreensão do (a) personagem e intimidade com o público; foi este modelo utilizado quando cada uma das bailarinas se apresentou no meu fotovídeo, por exemplo. O conhecimento, mesmo que mínimo, dessas técnicas permite que “ao fotografar, o profissional não só pense no que é registrado, como na significação que aquela imagem transmitirá a quem a veja. Para produzir sentido, a imagem depende do repertório de quem fotografa, edita e vê a cena” (JUNIOR, 2006, p. 111).

Além da força visual, este fotovídeo necessitou da mediação auditiva, afinal, a linguagem oral possibilita que o(a) espectador (a) desenvolva uma percepção maior sobre a trajetória de cada personagem, diferencie-as e consiga fazer a ligação do que ouve com o que vê, já que pode prestar atenção às imagens e relacioná-las às falas.

Por meio da fotografia, o fotojornalismo e o fotodocumentarismo possuem o poder de narrar histórias, fatos e acontecimentos de acordo com o que está expresso pela imagem estática. Uma questão que os diferencia e ao mesmo tempo pode ser trabalhada em complemento é o caráter que a fotografia ganha nesses campos. No fotojornalismo há uma tecnicidade relacionada em transmitir um fato, uma situação, uma realidade que está ocorrendo em um momento específico do presente e, muitas



vezes, pela necessidade de entregar um trabalho em tempo hábil conforme a pauta estabelecida, realiza um trabalho mais bruto e 'mecânico'. Já o fotodocumentarismo possui um caráter mais detalhado e reflexivo, fazendo com que as imagens captadas e exibidas impactem sentimentos no espectador. Além disso, seu planejamento permite um estudo mais aprofundado do tema que será fotografado, ganhando um olhar mais sensível e artístico (REIS et.al, 2009, p.5)

Assim, acredito que o fotovídeo se beneficia em ter as influências do fotojornalismo e fotodocumentarismo. Enquanto as histórias e depoimentos das personagens são narradas junto da exibição da base fotográfica de apresentações e ensaios que as mesmas realizaram, também foi possível transmitir personalidade artística e sensibilizar o público que assiste o produto.



### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração da 'Diversidade em fotovídeo' ficou claro que o foco principal do produto é exaltar as personagens e suas trajetórias, bem como o autoconhecimento corporal através da dança, fazendo com que o estilo das danças em si ficasse em segundo plano.

A escolha do tema ocorreu por um interesse pessoal pela dança que esteve presente no meu cotidiano desde cedo, por ensinamentos da minha mãe, e sempre nos auxiliou no nosso processo de conhecimento e cura. Além disso, fez com que eu prestasse mais atenção aos detalhes de tudo o que envolvia a prática, levando à reflexão sobre quem dançava e quais corpos eram reconhecidos.

Por muitos anos, apenas bailarinas (os) magras (os) ganhavam oportunidades e espaço em companhias e espetáculos de dança. Com o passar do tempo, essa rigidez ficou fragilizada, permitindo mais pluralidade e corpos reais. É claro que a silhueta com pouco peso e curvas ainda é a mais vista nestes ambientes, por isso a busca pela diversidade em Campo Grande, tanto para evidenciar corpos fora do padrão, quanto para estabelecer uma pesquisa nesse tema devido à insuficiência de estudos na Capital.

Ao longo da narrativa audiovisual, as seis bailarinas profissionais compartilham sua história com a dança, expõem as dificuldades encontradas até hoje sobre possuírem corpos plurais e ressaltam o processo de amor próprio e autoconhecimento com o apoio da prática.

O trabalho de apuração se estendeu durante todo o projeto, desde a busca por personagens e companhias de dança, até a seleção assertiva e sensível de quais trechos da entrevista teriam mais relevância, e escolhas das fotografias que conversaram com o áudio e representassem ao mesmo tempo as peculiaridades corporais das bailarinas.

Realizar esse trabalho me permitiu sair da zona de conforto e enfrentar preconceitos que eu ainda carregava em relação aos corpos fora do padrão dentro da dança. Foi incrível fotografar cada uma das personagens e ouvir suas histórias, pois pude aprender mais sobre as características de cada estilo e me inspirar na



determinação e amor próprio das bailarinas. A realização técnica deste fotovídeo também foi um desafio pois eu nunca havia produzido algo assim antes. Não foi fácil criar uma narrativa com tanto material fotográfico e sonoro coletado, mas a experiência e aprendizado adquiridos no processo contribuíram para meu amadurecimento no fazer jornalístico.

Ainda sobre a dança, quando eu via minha mãe dançando ao som das músicas dos anos 70 e 80, percebia que outra personalidade mais leve e empoderada a assumia. Ela dançava sempre que podia, principalmente em casa, aos finais de semana, onde extravasava a tensão acumulada dos dias anteriores. Seus movimentos são precisos no mesmo ritmo em que ela consegue reconhecer quais os ritmos predominantes da música, trazendo mais conforto e segurança ao executar sua própria coreografia. O conjunto de todas essas ações me fez ter uma compreensão de liberdade corporal vinda dela. Fez também que eu quisesse explorar minhas próprias capacidades. A cada avanço, eu sentia que sabia o que estava fazendo, que corpo e mente estavam realizando 'gingados' em um estilo e jeito só meus. Com o passar dos anos junto do amadurecimento, notei que a dança, por ser algo leve e acolhedor para minha mãe e para mim, tornou-se nossa marca registrada para atribuir à 'lista de coisas em que somos boas'. Todo indivíduo possui práticas sociais que determinam se ele (a) é bom naquilo ou não. Até hoje ouço algumas pessoas dizerem que queriam dançar como eu, ou ter a leveza, brilho e autonomia ao realizar um simples 'dois para lá e dois para cá'. A questão é que eu e minha mãe somos boas nisso porque ao dançarmos, conseguimos não só compreender os ritmos, mas expressamos corporalmente e facialmente como a dança mexe conosco. Conseguir expressar a felicidade e o autoconhecimento sobre o nosso corpo é crucial para que quem assiste se sinta envolvido. Foi neste sentido que eu fotografei as seis bailarinas profissionais dentro de seus estilos de atuação. Busquei retratar por meio das fotografias o quão confortáveis e seguras elas se sentem, assim como eu me senti ao aprender os primeiros passos com a minha mãe.



#### 4.REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/ADORNO.pdf?134956850> Acesso em: 08 maio. 2023.

ALVES, T. A. **A dança que nos revela na pluralidade de ser quem somos**. Programa Continuum de Formação Continuada para Professores da Educação Básica. Curso Dança e Pluralidade Cultural. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2011.

ANJOS, Katia Silva Souza dos; OLIVEIRA, Régia Cristina; VELARDI, Marília. A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, p. 439-452, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/3j5NYnyGWBbzfXj6SCtDqyJ/abstract/?lang=pt> Acesso em: 15 nov. 2023.

ASSIS, Marília Del Ponte de et al. **Acerca do feminino e do masculino na dança**: das origens do balé à cena contemporânea. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99220> Acesso em: 07 abr. 2023.

BASTOS, Renata de Jonas; **O PALHAÇO EM FOTOFILME**. 2010. 59 f. Trabalho experimental complementar (Conclusão de curso em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Disponível em: [https://www.academia.edu/33294392/BARTHES\\_Roland\\_A\\_Camera\\_clara\\_nota\\_sobre\\_a\\_fotografia](https://www.academia.edu/33294392/BARTHES_Roland_A_Camera_clara_nota_sobre_a_fotografia) Acesso em: 15 nov. 2023.

BOURCIER, Paul. **História da dança no Ocidente**. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAMPOS, Moema Fiuza de; SANTOS, Kátia Alexandra dos. O PADRÃO CORPORAL FEMININO NO BALÉ: UMA LEITURA PSICANALÍTICA. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 17, n. 3, p. 217-240, 2019. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/9629> Acesso em: 15 nov. 2023.



DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

DÓREA, Dayane Ramos. O corpo na dança: Reflexões sobre a estética corporal. **Blog do Grupo de Pesquisa Corpo – Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação**. Bahia. 2021. Disponível em:  
<https://gcorpo.wordpress.com/2021/04/19/o-corpo-na-danca-reflexoes-sobre-a-estetica-corporal/> Acesso em: 08 maio. 2023.

ELIAS, Érico. Da fotografia ao cinema : os fotofilmes de Marcello Tassara. **Studium**, Campinas, SP, n. 29, p. 71–102, 2009. DOI: 10.20396/studium.v0i29.12378. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12378> Acesso em: 17 maio. 2023.

ELIAS, Érico Monteiro. **Fotofilmes de apropriação: do arquivo fotográfico à tela do cinema**. 2017. 1 recurso online (428 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1632302> Acesso em: 17 maio. 2023.

FARHAT, Damian Guimarães Konopczyk Maluf. **As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje**. 2008. 30 f. Trabalho de conclusão de Curso (bacharelado - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/118970> Acesso em: 17 maio. 2023.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEITÃO, Fatima C. do Valle; SOUSA, Iracema Soares de. O homem que dança. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 7, n. 8, p. 250-259, 1995. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/22623/20617> Acesso em: 07 abr. 2023.

MOTA, Raniele Almeida da. **Sem medida: uma reflexão acerca dos padrões corporais na dança**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em:  
[https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/39580/1/SemMedidaReflexao\\_Mota\\_2021.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/39580/1/SemMedidaReflexao_Mota_2021.pdf) Acesso em: 07 abr. 2023.

MOURA, KCF. **Essas bailarinas fantásticas e seus corpos maravilhosos: existe um corpo ideal para dança?** [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação; 2001. Disponível em:  
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/218239> Acesso em: 15. nov 2023.



NUNES, Letícia Navarro. **Um estudo sobre as contribuições terapêuticas da dança para a autoestima das mulheres**. 2020. 58 f. Trabalho experimental complementar (Conclusão de curso em Psicologia) - a Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/26310/1/Leticia%20Navarro%20Nunes.pdf> Acesso em: 18 de maio de 2023.

REIS, Carolina et al. Sábado-Feira—O Fotodocumentarismo como auxílio da prática do Fotojornalismo. 2009. 7 f. Artigo submetido ao XVI Prêmio Expocom - Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/expocom/EX14-0261-1.pdf> Acesso em: 29 de nov. 2023.

RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo de Pinhal /SP, v.5, n.6, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://maiscursoslivres.com.br/cursos/aa146765e8f25e275862fae1df23b4d9.pdf> Acesso em: 18 de maio de 2023.

SANTOS. T. M. **Entre pedaços de algodão e bailarinas de porcelana: a performance artística do balé clássico como performance de gênero**. 2009. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21386> Acesso em: 18 de maio de 2023.

SILVA, Leidiane Pereira da; MAGALHÃES, Ismael Nunes. OLHANDO PARA POÉTICAS DO CORPO GORDO: gordofobia na dança. **Revista Cidade Nuvens**, v. 2, n. 4, p. 50-50, 2021. Disponível em: <http://revistas.urca.br/index.php/rcn/article/view/158/131> Acesso em: 07 abr. 2023.

SOUSA, Pedro Jorge. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

VIANA, Viviane Rocha. Meu corpo, minha dança: O corpo dançante e o empoderamento feminino. **Blog do Grupo de Pesquisa Corpo – Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação**. Bahia. 2022. Disponível em: <https://gcorpo.wordpress.com/2022/04/05/meu-corpo-minha-danca-o-corpo-dancante-e-o-empoderamento-feminino/> Acesso em: 08 maio. 2023.



## **APÊNDICE 1**

Roteiro de entrevistas utilizado para direcionar os depoimentos das bailarinas:

### **Introdução e contexto:**

- Você já havia participado de outros estilos de dança? Por que você permanece neste em especial?
- Para começar, poderíamos contar um pouco sobre sua jornada na dança? Como e quando você se interessou por esse estilo de dança?
- Qual é seu diferencial corporal quando se fala de dança?

### **Impacto na autoestima e na percepção do corpo:**

- De que maneira a dança influenciou sua percepção de seu próprio corpo e de sua autoimagem?
- Como a dança contribui para sua autoestima e confiança?

### **Inclusão e diversidade:**

- Quais são os desafios que as bailarinas podem enfrentar em relação à pressão para atender a certos padrões de beleza? Como isso afeta a comunidade da dança?
- Você notou mudanças ou iniciativas dentro da comunidade da dança para promover a inclusão e diversidade corporal?
- Você tem exemplos de bailarinas de dança que servem como modelos de diversidade corporal? Como essas bailarinas têm contribuído para a discussão sobre esse tema na comunidade da dança?

### **Inspiração e mensagem:**

- Como você vê seu papel como bailarina? Qual mensagem você gostaria de transmitir para outras pessoas que desejam se envolver na dança ou em qualquer forma de expressão artística?
- Você acredita que sua história pode influenciar a maneira como as pessoas percebem a dança do ventre e a diversidade corporal?

### **Considerações finais:**

- Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre sua experiência na dança que seja relevante para a pesquisa sobre diversidade corporal feminina nesse estilo de dança?



## **APÊNDICE 2**

Algumas das imagens capturadas mas que não foram utilizadas no fotovídeo:









